

## **A INÉRCIA INQUIETANTE NO CONTO “INSÔNIA”, DE GRACILIANO RAMOS**

**BORGES, F.D.<sup>1</sup>; OURIQUE, J.L.P.<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Aluna do curso de Licenciatura em Letras/Português e Literaturas de Língua Portuguesa, na Universidade Federal de Pelotas. francielidborges@gmail.com; <sup>2</sup>Professor Doutor do Departamento de Letras e Comunicação, na Universidade Federal de Pelotas. jlourique@yahoo.com.br

### **1 INTRODUÇÃO**

O presente trabalho pretende realizar uma análise do conto “Insônia”, do livro homônimo de Graciliano Ramos. Essa narrativa convida o leitor a se vincular ao espírito de jornada, dispondo-se a uma experiência que se desdobra em etapas, abordando questões ainda hoje vivenciadas, sendo possível, além da identificação com o leitor, uma comparação entre inquietudes do homem moderno e do homem pós-moderno. As discussões e análises aqui apresentadas se sustentam, principalmente, na abordagem teórica e crítica de Antonio Candido, Walter Benjamin, Anatol Rosenfeld, Erich Auerbach e Zygmunt Bauman.

### **2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)**

Este trabalho se fundamenta a partir da pesquisa bibliográfica, visando a uma reflexão de cunho interpretativo-hermenêutica do texto de Graciliano Ramos, tendo por fundamentação teórica a sociologia literária e a Teoria Crítica da Sociedade (Escola de Frankfurt).

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os contos de **Insônia**, antes do formato atual, foram publicados em jornais e reunidos com outros nomes. A perspectiva “noturna”, no entanto, é mantida e mais de metade do livro se passa à noite. Os textos possuem vocábulos secos e frases endurecidas. Em diversos casos, a narrativa aborda a frustração e a confusão da personagem, entre a aversão por pessoas e coisas e a percepção brutal do mundo que a cerca, sem, contudo, conseguir distinguir ao certo o real do imaginário. O clima opressivo absorve o leitor, já que a vida é compreendida com demasiado negativismo. Isso se explica, segundo Rosenfeld e Auerbach, pela profunda mudança social e, portanto, na forma de pensar das pessoas durante a Modernidade. Essas transformações levariam à necessidade de representação de uma consciência multiforme e aberta a contradições, que se expressaria na instabilidade de conduta de narradores, na construção de personagens marcadas por paradoxos e vazios, na inutilidade ou impenetrabilidade de ações.

No conto “Insônia”, de repente, o narrador/personagem de RAMOS (1977: 9) é arrancado do sono pela pergunta “sim ou não?”:

Sim ou não? Esta pergunta surgiu-me de chofre no sono profundo e acordou-me. A inércia findou num instante, o corpo morto levantou-se rápido, como se fosse impelido por um maquinismo.

Sobre o que se deve decidir? Essa é a dúvida que permeia o texto. Os insones, na tentativa de dormir, acabam refletindo sobre alguns fatores que têm o efeito inverso e os distanciam do pretendido descanso. Nessa angústia, não há alternativa a não ser observar e registrar um mundo escuro no qual vagam incertezas e oscilações entre a razão e a loucura. Nesse mundo se ganha alguma coisa, mas, habitualmente, também se perde alguma coisa. Freud fala sobre essas questões em 1930 através de um texto originalmente intitulado **Das Unglück in der Kultur** (A infelicidade na cultura) e que posteriormente teve o nome de **Das Unbehagen in der Kultur** (O mal-estar na cultura), conhecido no Brasil como o aclamado **O mal-estar na civilização**. Assim, o psicanalista destacou termos como “regulação”, “compulsão”, “supressão” ou “renúncia forçada”, além de observar que os seres humanos precisam ser obrigados a apreciar e respeitar a harmonia, a limpeza e a ordem. A renúncia aos instintos é evidente, já que os prazeres da vida moderna vêm com uma ordem pré-estabelecida que tem como um dos resultados a escassez de liberdade. BAUMAN (1998: 10) observa:

Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. [...] Se os obscuros e monótonos dias assombram os que procuravam a segurança, noites insones são a desgraça dos livres.

A busca pela satisfação das necessidades que a vida moderna impunha e que agora se faz respeitar de maneira ainda mais cruel é o mesmo desejo interminável pelo sucesso “ao alcance de todos” que se vê nas vias midiáticas. No entanto, o que observamos é o sofrimento causado pelo descontentamento ininterrupto que vê o modo de vida simples como uma espécie de humilhação. BAUMAN (1998: 35) observa:

Os efeitos psicológicos, porém, vão muito além das crescentes fileiras de despojados e dos redundantes. [...] Nenhum emprego é garantido, nenhuma posição é inteiramente segura, nenhuma perícia é de utilidade duradoura, a experiência e a prática se convertem em responsabilidade logo que se tornam haveres, carreiras sedutoras muito frequentemente se revelam vias suicidas. [...] Meio de vida, posição social, reconhecimento da utilidade e merecimento da autoestima podem todos desvanecer-se simultaneamente da noite para o dia e sem se perceber.

A personagem de RAMOS (1977: 17) faz refletir, também, o conceito de felicidade:

Evidentemente sou um sujeito feliz. Hem? Feliz e imóvel. [...] Amanhã comportar-me-ei direito, amarrarei uma gravata ao pescoço, percorrerei as ruas como um sujeito doméstico, um cidadão comum, arrastado para aqui, para acolá, dizendo frases convenientes. Feliz, completamente feliz.

Tentando convencer-se sobre uma felicidade duvidosa o insone do texto propicia a reflexão sobre o conceito de felicidade que temos na atualidade, que é o conhecido “momento feliz” e não o “estado de satisfação”. O que observamos nos dias de hoje é uma sucessão de reinícios e uma ampla procura por especialistas

para auxiliar a esquecer, apagar e desistir. Têm-se duas escolhas: modernizar (leia-se substituir) ou perecer. BAUMAN (2007: 12) atenta que:

A constância, a aderência e a viscosidade das coisas, tanto as animadas quanto inanimadas, são os perigos mais sinistros e terminais, as fontes dos temores mais assustadores e os alvos dos ataques mais violentos.

O sujeito doméstico ao qual Graciliano se refere é o ser humano seguro e convencional dos moldes sociais que não raro vive dias monótonos e noites em claro, inseguras, que tiquetaqueiam um relógio inexistente que aprisiona inconscientemente. Esse quadro é cotidiano e acaba rareando a liberdade em um nível alarmante. Surge aí a melancolia. SCLIAR (2003: 9), sobre esse quadro, diz que:

Esse progresso não se faz sem preço. Os Estados modernos surgem em meio a guerras e conflitos. Há riqueza e há miséria; há uma brusca alternância entre otimismo e pessimismo, entre euforia e desânimo, verdadeira bipolaridade emocional que se traduz em incerteza quanto ao futuro. [...] A melancolia pode ser uma espécie de contágio psíquico, dominando o clima de opinião e conjuntura emocional de um grupo, uma época e um lugar.

O melancólico está sempre envolto em um profundo sentimento de desânimo. Ele experimenta a perda de si mesmo. A sensação de incapacidade e a reflexão do que poderia ter sido não são usadas como aprendizado para soluções dos problemas vindouros, são usadas como um lamento daquilo que não se conseguiu realizar. Com isso, o melancólico vive a angústia de não ter tido a melhor atitude em determinado momento e rememora de uma maneira tão constante (e isso talvez explique a repetição da pergunta “sim ou não?” utilizada vinte e uma vezes no texto) que só percebe o fracasso, e não a possibilidade de uma reflexão acerca de um futuro otimista. Essa escrita esquizofrênica é um reflexo do que o indivíduo experimenta no meio contemporâneo: um amontoado de fragmentos não relacionados entre si. A personagem de RAMOS (1977: 15) reflete:

Que me dizia ontem à tarde aquele homem risonho, perto de uma vitrina? Tão amável! Penso que discordei dele e achei tudo ruim na vida. [...] Um silêncio grande envolve o mundo.

O romance moderno, que originalmente era linear e progressivo, se entretinha em fazer paródia para criticar os costumes e subverter a história. Na pós-modernidade o que se tem é o pastiche, que é uma espécie de paródia branca, sem fundo crítico. O pós-moderno faz irromper várias culturas, já que há várias histórias - uma história em espiral que choca com os conceitos lineares. O apontamento vai para uma sociedade na qual o valor de troca é maior que o valor de uso: as imagens não são vistas como são e sim como parecem ser. O que ocorre no texto de Graciliano e que se evidencia em diversos textos contemporâneos é a desrealização do mundo circundante da realidade cotidiana. O mundo perde a sua profundidade e ameaça se tornar uma ilusão: a euforia e a intensidade são reproduzidas e implicam a desrealização do mundo, já que apresentam uma falsa verdade.

## 4 CONCLUSÃO

As obras mais completas costumam manifestar dois aspectos da realidade, interior e exterior, estabelecendo relação de sujeito a objeto. Contudo, são ainda mais completas e indiscutivelmente mais problemáticas se fizerem a redução de um dos ângulos. Os escritores parecem alcançar uma plenitude quando ficam menos subjetivos, na tentativa de primar pela estratégia objetiva que reconhece a existência própria do mundo no qual o sujeito se insere. Se enquanto que na modernidade de Graciliano Ramos, no idóneo século XX, suas personagens eram reflexos de situações inquietantes, infelizes, confusas e beiravam a insanidade, hoje observamos que o incompreensível virou cotidiano. FREUD (1980: 67) atenta para a seguinte questão:

Não existe uma regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo. Todos os tipos de diferentes fatores operarão a fim de dirigir sua escolha. É uma questão de quanta satisfação real ele pode esperar obter do mundo externo, de até onde é levado para tornar-se independente dele, e, finalmente, de quanta força sente à sua disposição para alterar o mundo, a fim de adaptá-lo a seus desejos.

Pensando que o leitor pode dispor de inúmeras interpretações para um mesmo texto, se tem a impressão que no conto “Insônia” poderá ser feita uma leitura crítica potencialmente emancipadora, já que sua obra se situa no ponto de convergência entre a comparação entre o que se viveu e o que se vive. Dessa fusão da personagem, cenário e contexto social sai o drama que transmite ao livro a descarga nervosa que Aristóteles teria denominado catarse.

## 5 REFERÊNCIAS

- AUERBACH, Erich. **Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental**. São Paulo. Perspectiva, 1976.
- BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1998.
- BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. Tradução Heindrun Krieger Mendes da Silva e Arlete Brito. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.
- CANDIDO, Antonio. **Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- RAMOS, Graciliano. **Insônia**. 13. ed. São Paulo: Record, 1977
- ROSENFELD, Anatol. **Texto / contexto II**. São Paulo: Perspectiva / Ed.USP / Ed. Unicamp, 1993.
- SCLIAR, Moacyr. **Saturno nos trópicos: a melancolia europeia chega ao Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.